

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

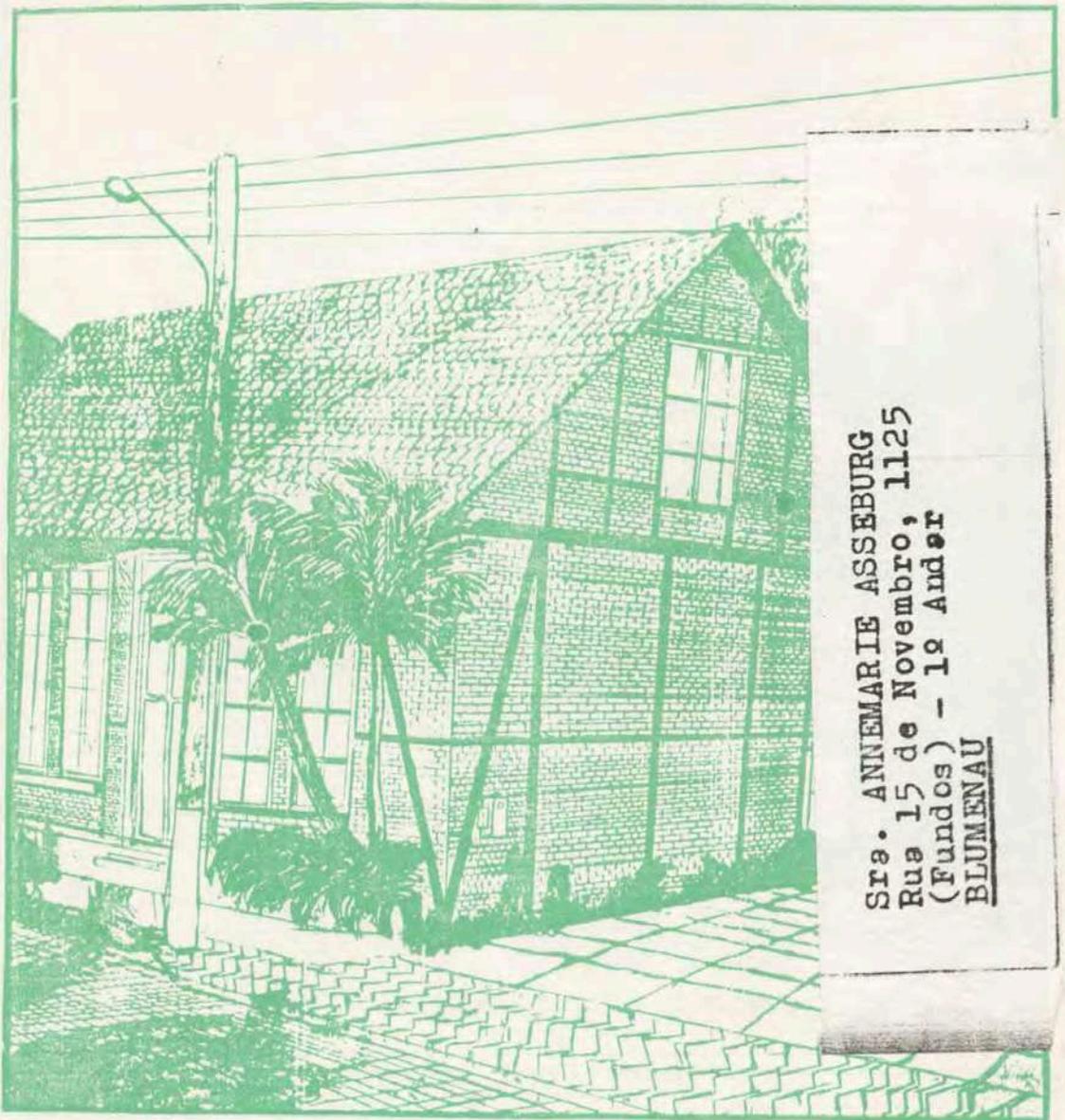
Março de 1991

Nº. 3

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



Sra. ANNEMARIE ASSEBURG
Rua 15 de Novembro, 1125
(Fundos) - 1º Andar
BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Março de 1991

Nº. 3

SUMÁRIO

Página

Figura do Passado - Raulino Reitz — José Gonçalves	66
Os primeiros professores da Penha — Antônio Roberto Nascimento	68
Subsídios Históricos: Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff	70
Um pouco da história de Apiúna — M. Deretti	71
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	72
Abaiara x Ainhatomirim — Hermes Justino Patrianova	75
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	76
Fundação «Casa Dr. Blumenau» — Sueli M. Vanzuita Petry	79
Cartas - Uma contribuição para a história	83
Vinte e seis anos depois... — Odilon Nogueira de Matos	85
Notas à História de Gaspar (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn	87
Aconteceu... Janeiro/Fevereiro de 1991	94

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 650,00 + 350,00 (porte) = Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 50,00 — Atrasado Cr\$ 100,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 1.200,00 + 800,00 (porte via aérea) Cr\$ 2.500,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

RAULINO REITZ

Levando consigo os sentimentos e a saudade de seus inúmeros amigos e admiradores, despediu-se desta vida terrena, no dia 20 de novembro de 1990, o conhecido e aplaudido botânico Padre Raulino Reitz, uma das figuras de maior prestígio no mundo da ciência natural, por suas admiráveis obras produzidas e pesquisas que trouxeram luz aos cientistas de todo o mundo nos vários aspectos dos estudos da nossa flora.

O ilustre falecido havia se sentido mal quando recebia uma homenagem, na Câmara de Vereadores de Itajaí, dentre a tantas outras que já havia recebido durante sua vida de estudioso. Foi conduzido para o Hospital daquela cidade, onde, não resistindo aos efeitos do infarto que o atingira, faleceu pela manhã.

A repercussão em quase todo o mundo da ciência, pelo passamento de Raulino Reitz, foi enorme. Para todos, o falecimento do cientista significou uma grande perda. O bispo auxiliar de Florianópolis, Dom Murilo Krieger, disse textualmente: «É lamentável que só após sua morte sejam conhecidas todas suas qualidades. Raulino Reitz foi um dos maiores cientistas que Santa Catarina já teve. Uma das maiores autoridades mundiais no campo das bromélias».

Por ocasião de seu falecimento, Raulino Reitz residia em Itape-
ma, onde trabalhava durante a semana em pesquisas científicas. Aos sábados e domingos desenvolvia um trabalho comunitário no Balneário Camboriú.

Dom Murilo afirma ainda que era ainda criança quando conheceu Raulino Reitz. E desde então, nunca o viu sem ter o que fazer. E conclui: «Acreditou nele, na sua preocupação ambiental com o universo, na grandeza de seus sentimentos e o que mais admirava era a humildade do abalizado cientista».

Padre Raulino Reitz recebeu, entre outras honrarias, o Prêmio Global 500, no Dia Mundial do Meio Ambiente, no dia 5 de junho de 1990, na cidade do México. Na ocasião ele concedeu uma entrevista à TV Eco, daquela cidade, em que disse, entre outras coisas: «O homem fatalmente, de uma forma ou de outra, está doente, devendo se convencer disto e tomar providências coletivas para reverter este quadro horrível, em favor da saúde e bem estar de todos, com melhoria de qualidade de vida».

O Padre e cientista Raulino Reitz nasceu a 19 de setembro de 1919, na cidade de Antônio Carlos. Coursou filosofia e teologia no seminário central de São Leopoldo (RS), tendo sido ordenado sacerdote na Catedral Metropolitana de Florianópolis em setembro de 1943. Diplomou-se em filosofia pela Fidene (Ijuí-RS) e obteve o título de «Doutor em Ciências» pela Universidade Estadual de Campinas (SP), em 1973. Fez curso de aperfeiçoamento técnico em tecnologia de madeira e micro-técnica botânica nos Estados Unidos.

O saudoso cientista catarinense fundou o Herbário Barbosa Rodrigues em 1942, fixando sua sede em Itajaí quatro anos após. Ao falecer, ocupava os cargos de pesquisador da EMPASC, diretor do herbário e do parque botânico do Morro do Baú, e de editor da revista «Sellowia» e da enciclopédia botânica «Flora Ilustrada Catarinense». Atuou anteriormente junto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, na FATMA e no Conselho Estadual de Cultura.

No campo da ecologia, Raulino Reitz criou e implantou o Parque Botânico do Morro do Baú, em Ilhota, e participou da criação de parques e reservas ecológicas como Serra do Tabuleiro, Serra Furada, do Sassafrás, do Aquai e da Canela Preta, todos em Santa Catarina. Publicou 45 livros e 114 artigos científicos, somando 5.101 páginas. Dentre seus trabalhos científicos, destacam-se os nomes populares das plantas de Santa Catarina (1959) «Madeiras do Brasil-Santa Catarina», (1979) «Bromeliáceas e a malária bromélia endêmica» (1983). Ao longo de sua carreira, foi laureado com 25 troféus, medalhas e diplomas. Foi agraciado pela ONU em 05 de junho de 1990, na cidade do México, como já dissemos, com o diploma «Cientista Global 500».

Um fato que mostra o conceito que as obras de Raulino Reitz alcançaram em várias regiões do mundo, aconteceu pouco antes de 1950, quando o Ministério da Saúde fazia uma campanha para acabar com a malária em Santa Catarina, que atingiu níveis insuportáveis no eixo Blumenau-Joinville. O criadouro dos insetos, diziam, eram as «piscinas» que se formavam entre as folhas dos gravatás. Começou então uma operação de extermínio das plantas, quando o Serviço Nacional da Malária achou melhor procurar um botânico para ver se encontravam uma outra solução. Foi consultada a Smithsonian Institution, de Washington, onde trabalhava um famoso especialista, o qual deu uma resposta surpreendente:

— A maior autoridade em bromélia de Santa Catarina está aí em Brusque, dando aula no seminário.

Era o padre Raulino Reitz, que passou a classificar botanicamente cada «gravatá», ajudado pelo artista plástico Domingos Fossari, que desenhava as plantas. Depois Reitz se associou a Roberto Klein, e os dois, com a ajuda de todo o mundo, estudaram 95% (mais de 400 mil) das plantas existentes no Estado.

É Roberto Klein quem afirma: «A botânica perdeu um dos maiores botânicos do Brasil. É uma perda irreparável para Santa Catarina».

O estimado homem de ciência era assíduo leitor de «Blumenau em Cadernos», como também honrava suas páginas com seus trabalhos (são inúmeros os publicados ao longo de vários anos).

O falecimento do ilustre cientista, não só causou-nos profunda consternação como também representa a perda de sua valiosa contribuição através de magníficos trabalhos em torno de sua obra, deixando, por isto, enlutadas as páginas desta revista.

As homenagens recebidas pelo Padre Raulino Reitz, durante as horas que se seguiram ao seu falecimento, foram muitas e mais do que merecidas. Ele deixou para as gerações futuras um tesouro que precisa,

a todo custo, ser preservado. O seu sepultamento, ocorrido na manhã do dia 22, no cemitério de sua cidade natal, contou com a presença de mais de mil pessoas, incluindo-se três bispos, 55 padres, cientistas e políticos, que foram levar seu último adeus ao admirável precursor da ecologia e maior botânico de Santa Catarina.

José Gonçalves

Os primeiros professores da Penha

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

O primeiro professor da Penha, então Capela de São João Batista de Itapocoróia, foi José da Cunha Melo (Cf. J. FERREIRA DA SILVA, História do Município da Penha, p. 19), cujo nome completo era José Lopes da Cunha Mello (V. nosso artigo em A Notícia de 24.10.90, p. 2) e cujas aulas, em 1830, eram frequentadas tão-só por cinco alunos. Era natural da freguesia de Santo Antônio do Recife (PE), filho de Manoel Lopes de Moura, natural da Cidade do Porto, em Portugal, e de Joaquina Maria de Jesus, tendo sido casado com D. Vicência Angélica de Matos, natural de Porto Alegre, filha de Estêvão Brocardo de Matos Cf. W. F. PIAZZA, Dicionário Político Catarinense, pp. 333-334), também natural de Pernambuco, onde nascera por volta de 1780, e de sua primeira mulher Angélica Nunes, igualmente de Pernambuco, conforme batismo da filha Maria, na Penha, aos 27.6.1830 (Livro n. 1 da Penha).

É de ser observado que o primeiro professor de primeiras letras de São Francisco do Sul precede o da Penha tão-só de um ano (Cf. C. DA COSTA PEREIRA, Hist. de S. Francisco do Sul, p. 104), que também era organista (ob. cit.,

p. 118), escrivão e requisitado para muitos outros officios (V. nosso artigo O MENINO ATHOS, Blumenau em Cadernos, Tomo XXVII, p. 184).

O segundo professor da Penha foi o Tenente Jacinto Zuzarte de Freitas (Cf. J. FERREIRA DA SILVA, Dois Séculos Memoráveis, Blumenau em Cadernos, Tomo II, pp. 101 e ss.), nomeado em 1835, que, ainda em 1853, exercia o magistério público de primeiras letras (Cf. J. FERREIRA DA SILVA, Blumenau em Cadernos, Tomo II, n. 2. pp. 21 e ss.). Era filho do Capitão Vicente Zuzarte Pinto de Freitas — segundo cirurgião-mor de Itapocoróia, após tê-lo sido da Armação da Piedade — e de Maria Thomásia dos Santos, neto paterno do Capitão Vicente Zuzarte Pinto e de D. Damiana Zuzarte de Freitas, naturais de São José da Terra Firme ou da Ilha de Santa Catarina, e materno de Tomás Dutra dos Santos, natural do Rio de Janeiro, e de Ana Gonçalves de Farias, natural de Itapocoróia (v. nosso artigo «Ainda sobre Médicos e Cirurgiões Francisquenses, na Rev. do I.H.G. de SC, vol. 8, pp. 131 e ss.), tendo sido batizado aos 18.6.1815 (Livro n. 1 da Penha). Pelo lado paterno, descendia

do Alferes Antônio Jorge Zuzarte, natural de Lisboa, sacristão da Ordem Terceira em 1745 (Cf. O. R. CABRAL, Raízes Seculares de Santa Catarina, 1953, separata do 11^o. vol. do Boletim do Inst. Hist. e Geográf. da Ilha Terceira), casado com Rita Maria Pinto, natural da Colônia do Sacramento, segundo o batismo de seu avô Vicente, aos 15.12.1751 (Primeiro livro de batismos da Matriz de N. S^a. do Desterro). Damiana ou Daureana, Perpétua de Jesus (O. R. CABRAL, ob. cit., p. 71) era natural da freguesia das Necessidades, filha de Inácio da Costa, natural do Rio de Janeiro, e de Luzia da Assunção, natural da Ilha do Faial. Seu pai obtivera, em 1789, sesmaria «no Rio das Tajucas, lugar Canelinha», entre as terras de Antônio de Oliveira e de Domingos Coelho D'Ávila, «fundos no sertão devoluto» (Arquivo Histórico de Joinville). O Capitão Vicente Zuzarte Pinto e D. Damiana Zuzarte também tiveram a filha D. Maria Graciana Zuzarte, natural de S. Miguel da Terra Firme, casada com Policarpo José de Campos, filho do Major Alexandre José Campos (Cf. H. BOITEUX, Santa Catarina no Exército, 1942, 1^o. vol., p. 110), viúvo de D. Luiza Bernarda de S. José, e de sua segunda mulher — casamento de 29.8.1795 — D. Ana Inácia Soares — filha de Manoel José da Rocha e de Joana Inácia Gomes (Registros da Matriz de N.

S^a. do Desterro) —. O sobredito Alferes Antônio Jorge Zuzarte também teve a filha D. Aniceta da Conceição Coimbra, casada com o Coronel-Governador Manoel Soares Coimbra Filho, com quem teve, dentre outros, a filha Maria Joaquina, casada com o Tenente-Coronel José da Gama Lobo Coelho, natural da Vila de Olivença, Bispado de Elvas, filho do Coronel Fernando da Gama Lobo Coelho e de D. Ana Josefa de Mello d'Eça e Faria (Cf. AURÉLIO PORTO, Hist. das Missões Orientais do Uruguai, 2^a. Parte, pp. 322 e 372).

Como se vê, em breves linhas, o Tenente Jacinto Zuzarte de Freitas era aparentado com gente ilustre. Galgou o posto de Tenente Reformado do 6^o. R. Inf. M. aos ... 24.12.1852 (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina), depois de ter sido tenente da 6^a. Cia. do 8^o. B. I.

D. Bernardina Carolina de Sousa Vieira, falecida aos 20.4.1862 (Livro n. 2 de óbitos da Penha), com a idade de 44 anos, casada com Manoel Caetano Vieira Júnior, sendo sepultada na catacumba n. 2 do cemitério da Penha, foi a «professora de meninas desta mesma freguesia».

São três nomes por serem lembrados, pois, pela gente da Penha.

PENSAMENTOS

- O sofrimento tempera a alma assim como o fogo tempera o aço.
- A esperança é um empréstimo feito à felicidade.
- Uma casa sem livros é como um corpo sem alma.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 12 de junho de 1869:

Dona Francisca — Pelo navio «Elektrik», comandante Peyn, que entrou no porto de São Francisco à noite de 31 de maio, vieram 265 imigrantes, recebidos em Joinville a 3 e 4 de junho. A maior parte é oriundo do Norte da Alemanha, sendo 141 da Prússia, 10 da Saxônia, de Brunsvigue, 4 de Anhalt, 2 de Hamburgo, 1 de Saxen-Weimar, 98 da Austria (Boêmia), 4 da Baviera e 10 da França. Quanto à religião, 162 são protestantes e 103 católicos. Quanto à idade, 184 têm acima de 10 anos, 60 entre um a dez anos e 21 são crianças de colo. A viagem foi calma. Não houve queixas quanto ao tratamento a bordo, mas ao contrário, todos foram unânimes em elogiar a atenção do comandante Peyn. Faleceram durante o trajeto dez crianças, quase todas em consequência de infecção na garganta. Por outro lado, nasceram a bordo quatro crianças, sendo que uma das parturientes faleceu, devido a complicações durante o parto.

Notícia de 22 de janeiro de 1870:

Dona Francisca — Estatística das duas comunidades, católica e evangélica, do ano de 1869:

Na paróquia católica de Joinville se realizaram:

124 batizados, sendo 32 de família de imigrantes (13 meninos e 19 meninas) e 92 de famílias brasileiras (41 meninos e 51 meninas).

18 casamentos, sendo 5 de famílias de imigrantes e 13 de famílias brasileiras, entre estas últimas 5 do Planalto.

91 enterros, sendo 17 de famílias de imigrantes (1 adulto e 16 crianças) e 74 de famílias brasileiras (17 adultos e 57 crianças).

Na comunidade evangélica de Joinville se realizaram:

103 batizados (59 meninos e 44 meninas).

24 casamentos

57 enterros (23 adultos e 34 crianças).

Notícia de 12 de março de 1870:

Dona Francisca — «Turnverein zu Joinville». A Sociedade local de Ginástica organizou em 1867 um fundo especial para a construção de uma sede própria para os exercícios de ginástica — fundo este constituído por contribuições voluntárias mensais. Este fundo para a construção foi crescendo desde agosto de 1867. Em fins de 1869 a situação era a seguinte: Entrou a importância de 505\$540 em contribuições e juros. Foram gastos 22\$580. Do total de 482\$960 foram emprestados a juros de 9% ao ano 450\$000, existindo em caixa, portanto, a importância de 32\$960. O número de contribuintes atualmente é de 59. Nos dois últimos

anos, só foi possível realizar a metade dos exercícios regulares, devido ao mau tempo, sendo por isso imprescindível a construção de uma sede fechada para a prática dos exercícios. Seria desejável, portanto, conseguirmos uma participação mais ativa de contribuintes a fim de podermos iniciar em breve a construção do nosso prédio.

A coleção completa do «Kolonie Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de M. Deretti — “Apiúna nos meus apontamentos”).

“UM JORNAL DA VIZINHANÇA

“Graças a esses meios de expressão cultural, aparecem alguns nomes de real valor literário do Vale como escritores e publicistas...
(Zedar P. da Silva).

Na atual cidade de Rodeio, pelo ano de 1923, aparecia o semanário «O Escudo». Tinha sido extinto L'amico», a cargo dos padres franciscanos. «O Escudo» tinha sido fundado pelo bergamasco Mário Locatelli. Além de assinante, fui também colaborador do mesmo. Os colonos italianos liam-no com interesse, pois dizia respeito a sua vida em várias coisas, além de ser escrito em italiano.

Havia de modo particular, uma coluna social que se intitulava «Ciacere in Confidenza», ou «Confidencial Bate-papo», que vinha sempre redigida em dialeto tirolês, às vezes de mistura com outros dialetos italianos. Quando professor em Acurra, enviava, como correspondente, minha colaboração a «O Escudo». Segue aqui uma crônica de minha autoria, publicada em Rodeio e referente a vida social de Apiúna:

«L'altro di, el Gigio le ná su al Neise, Aquidaban, ala festa de Sant'Ana. Le ná a dórmer in casa

del Beppo. Per tutta la festa el Gigio la bevest sgnapa. Cande no el podeva pu star su in pè, sto sgnopeton, el sá butá per terra. Alora il Beppo, com tutta la pazienza sua, lo la mená in casa per far i medigamenti e libertarlo del balordon. Sto sgnapeton, ciapa il recipiente sota il let e trà fora tutta la causa del mal e subito la scomincia a star meio. La Maria, prima de nar ala festa, la metest sua el rampin del fogolar, la pignata con le taiadelle e na galina. El gatin, salta su el coercio dela pignata e zo drento a boier co le taiadelle. La Maria, cande le vegnuda dela messa, la dit tante «giacolorie» de far paura anca al diaoi. Senza dir niente a nessuni, ciapa el gat per la coa e tralo di drío del polinar. I convidai che iera in sei, mezz morti de fam, nò i saveva dela desgrazia. là magna con tanto petito dela minestra, che i pareva che nò i magneva per na setimana. Brontolando, el Gigio diceva intra de lu: «Ma che robe, Maria»...

REVISÃO DE TEMA HISTÓRICO

O chamado crime dos irmãos Brocato, ocorrência que abalou Lages e a região dos campos no início do Século, foi um dos temas que fascinaram Crispim Mira «Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato», título da edição de 1978, sobre o qual já escrevi em outras ocasiões, é o livro por ele dedicado ao assunto. Embora me pareça um tanto apaixonado, encarnando na narrativa a justa revolta da população, e a dúvida sobre a autoria do crime permanecesse até a confissão judicial de Domingos Brocato, creio que essa constituía a única narrativa sistemática daqueles episódios. Faltava-lhe, também, o capítulo final da história, aquele em que ocorreu a morte de Domingos, assassinado na cadeia de São José. Seja como for, cabe-lhe o mérito inegável de ter sido o pioneiro no estudo do assunto.

Muitos anos mais tarde, outro pesquisador sentiu-se atraído pelo tema. Preocupado com a estrita verdade dos fatos e as minúcias de que se revestiram, debruçou-se sobre eles com paciência e espírito crítico. Conseguiu informações fidedignas sobre os irmãos Thomaz e Domingos Brocato, que se faziam passar por médico e farmacêutico, levantando seus antecedentes desde os tempos em que ainda viviam na Itália, seu país natal, e depois nas diversas cidades por onde andaram, já no Brasil, bem como suas atividades na cidade de Lages, palco dos eventos criminosos. Rebuscando a imprensa da época, os autos de processos judiciais, documentos, fotos, depoimentos e outros meios de investigação, conseguiu reconstruir os acontecimentos de forma sólida e segura, rigidamente firmados sobre fontes insuspeitas. Nos momentos necessários não se furtou a dar suas opiniões, contribuindo assim para melhor esclarecer o leitor.

Por razões passionais, os irmãos italianos causaram a morte de Ernesto Canozzi e seu «peão» Olintho Pinto Centeno, nas proximidades do passo do rio Caveiras, no caminho que demandava ao Rio Grande do Sul. Thomaz, suposto médico, o mandante; Domingos, suposto farmacêutico, o executor. Mais tarde, em outras circunstâncias, ambos acabaram também assassinados. Diante do destaque dessas pessoas na sociedade da época, o crime teve intensa repercussão e seus ecos ainda se fizeram ouvir por longos anos. Tudo isso, no entanto, foi esmiuçado por Saulo Varella de Carvalho e exposto em forma de uma empolgante narrativa em seu livro «A Tragédia do Caveiras» (Lunardelli — Florianópolis — 1990). Trata-se de um trabalho muito mais amplo que o de Crispim Mira, mais conformado às técnicas da narrativa histórica e, por que não dizer, definitivo e incontornável para quem desejar informar-se sobre o tema.

Todos os trâmites processuais, as pessoas envolvidas de uma forma ou outra, as autoridades que atuaram no caso, as peças forenses, o

clima reinante na cidade naqueles dias, as opiniões que circulavam, na imprensa ou fora dela, tudo enfim está registrado no livro com muito cuidado e conhecimento. É possível até mesmo «sentir» na leitura a reação do povo. Não satisfeito, o pesquisador se deu até mesmo ao trabalho de fazer um levantamento da própria cidade, com suas ruas, praças, prédios ilustres, rios e tudo mais. Reproduz ainda inúmeros documentos e fotos relacionados com os acontecimentos.

É um livro que faltava e que merece atenção.

PERSONAGEM VIRA EDITOR

«Dez Toques de Amigo» (Editora Sempelo — Florianópolis — 1990) é um livro **sui generis**. Nele o personagem se transforma em editor e resgata das páginas efêmeras da imprensa dez textos onde ele aparece. É o antigo desejo de perenizar no livro aquilo que no dia seguinte já está velho e esquecido, como tantas e tantas vezes tem acontecido em nossas letras. Com uma diferença fundamental: a iniciativa aqui é da pessoa focalizada pelo autor.

O conhecido cronista Flávio José Cardozo, em sua coluna no jornal «Diário Catarinense», fez reiteradas referências ao ensaísta e contista laponan Soares. Essas referências — explica este último — «são muito generosas comigo: ora me saúdam por alguma coisa que fiz, ora me desafiam a fazer outra, ora simplesmente botam meu nome junto com o de outros caros amigos. Eu precisava de alguma forma retribuir essa cordialidade do Flávio».

Creio que a retribuição está feita. E de uma forma muito agradável para ambos. Além de inédita.

NOTÍCIAS E CARTAS

Pedro Albeirice, irrequieto escritor e poeta conterrâneo, está lançando «Muerte en el Atlantico Sur — La historia de Andrés», novela juvenil publicada em espanhol. Autor de vários livros, dois deles na área do ensino da literatura, Albeirice reside atualmente na Barra da Lagoa, em Florianópolis, e faz mestrado na UFSC.

«Recordando Silveira Jr.» foi a sessão da saudade levada a efeito pela Academia Catarinense de Letras, recordando a vida e obra do escritor falecido e, ao mesmo tempo, declarando vaga sua Cadeira naquela Casa.

A Fundação Casa Dr. Blumenau está ultimando a publicação de um volume reunindo as mais expressivas críticas sobre a poesia de José Endoença Martins e, em segunda edição, o livro «O Cidadão de Três Pátrias», de José Gonçalves. Ambos serão oportunamente comentados.

O poeta Alcides Buss acaba de lançar, no saguão do Arquivo Histórico de Joinville, uma coletânea de poemas, selecionados de seus diversos livros, marcando vinte anos de atividade literária. Na ocasião foi lançado também o fascículo relativo ao poeta, da série «Autores

Catarinenses», da Fundação Catarinense de Cultura. E também foi dado a público um importante volume sobre a história daquela cidade.

O escritor e jornalista Salim Miguel foi um dos premiados com o troféu «Destaque de 1990» pela UBE do Rio de Janeiro.

Escreve o poeta R. Leontino Filho, de Natal/RN: «Receba os meus parabéns pelas páginas que enfocam os Autores Catarinenses: leves, sutis, delicadas e profundas... Muito necessário esse seu espaço/resenha». Obrigado, amigo!

Muito boa também a carta da ensaísta Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart comentando artigo meu a respeito do livro e seus problemas. Ela concorda com minhas idéias sobre o assunto e está solidária em que alguma coisa precisa ser feita. Muito grato, Do Carmo!

O poeta, contista e advogado Adair José de Aguiar é um curioso das coisas de nosso Estado. Está sempre viajando pelos seus caminhos de Serra-Acima ou do Litoral. Nessas andanças encontra coisas que aguçam a veia poética, como aconteceu com este soneto que uso como o fecho da coluna do mês:

O LUAR DE TREZE TÍLIAS

Lua! Um banho argênteo de saudades,
recordações de Pátrias tão distantes;
silêncio e nostalgia. Imensidades
nos corações dos bravos imigrantes.

Prata nos montes colossais, ondeantes,
cintilações no Vale — Alacridades.
Luar que simboliza os habitantes:
a comunhão de fé e de vontades.

Nesta cidade — berço do trabalho,
do cinzel, escopro, camartelo e malho,
o luar é o poema e a canção.

É o luar da esperança e da harmonia,
milagre transformando a noite em dia,
embelecendo a alma e o coração.

PENSAMENTO

— Julgai por vós mesmos se pertenceis aos escravos de ontem ou aos homens livres de amanhã.

ABAIARA x AINHATOMIRIM

Hermes Justino Patrianova

Mais um compromisso - oitavo,
Com BLUMENAU EM CADERNOS,
Um «Forte» e «Dono de Escravo»,
Para os ARQUIVOS MODERNOS
Da TECA DE FRITZ MÜLLER,
CASA DOUTOR BLUMENAU!

Copiamos, hoje, do nosso Livro inédito — TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que segue.

ABAIARA = ABAJARA = ABAYARA.

«Cidade e Município do Estado do Ceará, da Microrregião do Sertão do Cariri.

ORIGEM TUPI: ABÁ (Índio, homem, naturalmente escravizado) + YARA = IARA = JARA (Dono, Senhor = DONO DE ÍNDIO = DONO DE HOMEM = DONO DE ESCRAVO = ABAIARA.

Nos terrenos da ABAIARA
Morava um Índio bandido,
Pois que até escravizara
Um patricio distraído,
Como era o uso do «bravo»
Chamado «Senhor de Escravo»

Este «oitavo» aqui não pára
E o Ainhatomirismo
Duma Fortaleza rara
Vai transformar-se em TURIS-
[MO!

AINHATOMIRIM

«Ilhota do Município de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, localizada nas proximida-

des do Extremo-Norte da Ilha de Santa Catarina; antiga Fortificação do Império do Brasil, denominada, anteriormente, Fortaleza de Santa Cruz de Ainhatomirim e Fortaleza de Ainhatomirim.

ORIGEM TUPI: AINHATOMIRIM. De A (Contração de YPAU (Ilha) ou de APUÁ (Monte + INHATO = 'NHATO (Focinho chato, focinho ximbé) + MIRIM (Pequeno) = ILHA PEQUENA DE FOCINHO CHATO = MONTE PEQUENO DE FOCINHO CHIMBÉ = ILHOTA DE FOCINHO CHIMBÉ = AINHATOMIRIM = ANHATOMIRIM.

As instalações do Forte da Ilhota de Ainhatomirim ou Anhatomirim, estão sendo reconstituídas, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com ajuda da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis e outras Entidades da Capital do Estado (1990), para integrarem os Pontos de Turismo do Estado».

VOTOS BRANCOS E NULOS — NOVA FORMA DE ELEIÇÃO

Perguntado a um Eleitor descrente o motivo dos votos brancos e nulos da Eleição de 1990, a sua resposta foi a seguinte.

«Estamos estreando uma nova forma de Eleição sem o incômodo comparecimento às urnas: Um Instituto Brasileiro de Informação Popular recebe a encomenda da Pesquisa Eleitoral, fá-la a contento e a entrega a uma potente Rede de TV e Rádio abrangente de todo o Brasil. E o mesmo acontece com o segundo turno...

O Eleitor não gosta de perder e vota somente no Candidato que **já ganhou... já ganhou...!**

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (XIX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1957

(1) Provisão e faculdades ao vigário, em 11.01.

(2) Provisão aos coadjutores, em 11.01.

(3) Faculdades aos coadjutores, em 11.01.

(4) Pleno uso de ordens ao vigário e demais sacerdotes, em 11.01.

(5) Licença para celebração de missa vespertina na matriz e capelas. Nomeação dos Conselheiros de Fábrica, em 11.01.

(6) Renovação das provisões para as capelas, em 11.01.

(7) Nomeação de confessores ordinário e extraordinário para as Irmãs da Divina Providência, em 19.02.

(8) Circular sobre a falta de sacerdotes na diocese, em 03.03.

(9) Motu proprio do Papa Pio XII modificando o jejum eucarístico e favorecendo as missas vespertinas, em 10.03.

(10) Circular sobre o novo «Ordo» da Semana Santa (sem data).

(11) Telegrama de D. Inácio ao vigário comunicando a nomeação do Pe. Gregório Warmeling, de Laguna, para novo bispo de Joinville, em 20.04.

(12) Carta particular de Mons. Sebastião Scarzello anunciando a sagração em Laguna de Dom Gregório Warmeling, em 29.06.

(13) Circular sobre a sagração e posse do novo bispo de Joinville, em 13.07.

(14) Determinação que a «Imperata» da diocese seja «ad pe-

lendam serenitatem», em 25.09.

(15) Circular de D. Gregório para que todos apoiem a campanha contra a exploração religiosa da Legião da Boa Vontade, em 26.09.

(16) Circular dos bispos catarinenses ao clero sobre diversos assuntos, em 24.11.

(17) Circular de D. Gregório ao clero sobre assuntos diocesanos e retiro, em 09.11.

Crônica de 1957

(18) Invocação ao Divino Espírito Santo, em 01.01.

(19) Venda do caminhão utilizado na remoção do morro do cemitério, em 02.02.

(20) Passagem pela paróquia do Cardeal do Rio, D. Jaime de Barros Câmara, em 06.01.

(21) Chegada das Irmãs da Providência Divina de Gap, para a direção da escola São José no Garcia (sem data).

(22) Chegada da licença para a importação dos vidros para a nova matriz, em 10.01.

(23) Transferência do órgão para a nova matriz, em 21.01.

(24) Comunhões pascais coletivas na matriz (sem data).

(25) Realização da Festa do Divino Espírito Santo, em 09.06.

(26) Capítulo regional de Santa Catarina-Paraná da Ordem Terceira, em 15 e 16.06.

(27) Posse do novo bispo D. Gregório e representação da paróquia nesta solenidade em Joinville, em 21.07.

(28) Colocação da «rosácea» na nova igreja matriz, em 26.07.

Mede 8 metros de diâmetro, representando a coroação de espinhos e o maná do deserto.

(29) Celebração da 1ª. Eucaristia de 171 crianças na matriz, em 28.07.

(30) Participação de Fr. Bráz Reuter nas comemorações do Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau, em 09.08.

(31) Realização do Festival Missionário no Teatro Carlos Gomes, em 20.10.

(32) Celebração da 1ª. Eucaristia de 207 crianças na matriz, em 02.12.

(33) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(34) Fr. Conrado Rossbach, natural da Alemanha, celebra suas primícias na matriz, em 29.12.

(35) Movimento religioso de 1957:

Batizados (1.689), casamentos (428), comunhões (144.873), 1ªs. comunhões (575).

Ano de 1958

(1) Provisão de vigário em favor de Fr. Bráz Reuter, em 28.01.

(2) Faculdade para a celebração de missas vespertinas, em .. 28.01.

(3) Licença para dar uso de ordens aos padres de passagem pela paróquia, em 28.01.

(4) Provisão aos 7 coadjutores da paróquia, em 28.01.

(5) Faculdades em favor dos coadjutores, em 28.01.

(6) Uso de ordens em favor de 6 coadjutores, em 28.01.

(7) Provisão para as capelas: N. S. da Glória, S. Isabel, Cristo Rei, S. José da Escola Agrícola, Testa Salto, S. Miguel, S. Antônio e S. Ludgero. em 28.01.

(8) Circular de D. Gregório sobre diversos assuntos e «Impe-

rata» — De Spiritu Sancto —, em 07.05.

(9) Circular ao público, pedindo ajuda aos flagelados nordestinos, em 07.05.

(10) Circular sobre o Curso Catequético a realizar-se em Blumenau de 16 a 27.07, em 06.05.

(11) Nomeação dos confessores ordinário e extraordinário das Irmãs Franciscanas de São José e da Divina Providência, em .. 9.05.

(12) Nomeação de Fr. Efrém Mrosek, confessor ordinário das Irmãs Franciscanas de São José de Blumenau, em 11.06.

(13) Fundação oficial da Legião de Maria na paróquia, em 18.06.

(14) Circular sobre sacerdotes em trânsito ou em férias, em 24.09.

(15) Circular que trata sobre o Congresso Eucarístico, Retiro do Clero, Vocações, Decanatos, Seminário e Provisões, em 21.11.

(16) Te Deum de agradecimento pelo ano que finda, em 31.12.

Crônica de 1958:

(17) Invocação ao Divino Espírito Santo, em 01.01.

(18) Missa de Fr. Conrado Rossbach no convento, em 01.01.

(19) Chegada do arquiteto Sr. Gottfried Boehm para a consagração da nova matriz, em 06.01.

(20) Consagração da nova Igreja Matriz, em 25.01. Primeira Missa Pontifical e mensagem de Fr. Bráz Reuter aos paroquianos blumenauenses.

(21) Realização das Comunhões Pascuais na matriz (sem data).

(22) Nomeação da nova diretoria da escola São José, em .. 31.01.

(23) Ereção da nova Via Sa-

crá na matriz, em 19.02. As 14 estações foram representadas nos vitrais laterais e foram idealizadas e confeccionadas por Lorenz Heilmeyer de Porto Alegre.

(24) Inauguração do batistério da nova matriz, em 05.04. A primeira criança a ser batizada oficialmente não se conhece o nome, por tratar-se de batismo de emergência. Talvez tenha falecido logo depois.

(25) A partir do domingo da Pascoela foi introduzido o costume da separação dos homens e mulheres nos bancos da igreja, em 13.04.

(26) Festa do Divino Espírito Santo, em 25.05.

(27) Celebração da 1ª. Missa vespertina na matriz, em 06.06.

(28) 1º. Congresso Catequético Diocesano em Blumenau, de 16 a 27.06.

(29) Semana de Cultura Religiosa, pregada por Fr. Constantino Koser, de 20 a 26.07.

(30) Celebração da 1ª. Eucaristia de 406 crianças na matriz, em 26.10.

(31) Celebração do Dia das Missões, em 19.10.

(32) Fundação da «Obra dos Tabernáculos» em Blumenau, em 10.07.

(33) Movimento religioso de 1958:

Batizados (1.783), casamentos (445), comunhões (112.775), 1ªs. comunhões (775).

Ano de 1959

(1) Provisão e faculdades ao vigário, em 28.01.

(2) Provisão em favor dos coadjutores, em 28.01.

(3) Uso de ordens em favor de 9 coadjutores, em 28.01.

(4) Licença para uso de ordens em favor de 9 coadjutores, em 29.01.

(5) Faculdades em favor de 6 coadjutores, em 29.01.

(6) Provisões das capelas da paróquia, em 29.01.

(7) Nomeação dos Conselhos de Fábrica, em 28.01.

(8) Nomeação dos confessores ordinários das Irmãs, em 02.02.

(9) Nomeação dos confessores extraordinários das Irmãs, em 02.02.

(10) Faculdade de «abjuração de heresia», em favor de Fr. Bráz Reuter, em 16.02.

(11) Circular convocando uma reunião de fabriqueiros com o Sr. Bispo, em 12.01.

Anexo: Programa do Festival promovido pela paróquia, em homenagem a D. Gregório, em sua visita Pastoral de 30.05 a 07.06.

(12) Circular sobre o itinerário das Visitas Pastorais do ano, em 30.01.

(13) Circular sobre linhas gerais, programa e cerimonial das Visitas Pastorais, em 12.03.

(14) Termo da Visita Pastoral de D. Gregório à paróquia de ... 30.05 a 07.06. Termo assinado em 08.06.

(15) Alocução radiofônica de agradecimento do vigário Fr. Bráz a todos os que cooperaram na organização e bom desempenho da Visita Pastoral, em 09.06.

(16) Fundação do 1º. núcleo da Legião de Maria, em 22.01.

(17) Provisão do novo Conselho de Fábrica da matriz, em .. 16.03.

(18) Faculdade de receber acatólicos na igreja, em 16.03.

(19) Programa mínimo de religião da Diocese de Joinville (sem data).

(20) Circular de D. Gregório sobre diversos assuntos econômicos, em 12.09. Iniciados hoje os trabalhos de construção da torre.

(21) Nomeação de Fr. Roberto Ebbert confessor extraordinário das Irmãs Franciscanas Bernardinas de Massaranduba, em 20.11.

(22) Lançamento da pedra fundamental da torre da igreja Matriz, em 15.11.

(23) Licença para Fr. Bráz visitar os familiares na Alemanha e ausentar-se da paróquia, em 04.12.

(24) Missa de invocação ao Espírito Santo.

Crônica de 1959.

(25) Comunhões Pascais coletivas na matriz, de 08 a 20.03.

(26) Reunião do Sr. Bispo com as comissões da matriz e capelas, em 17.03.

(27) Telegrama aos Deputados Federais condenando a tentativa de monopólio estatal de ensino, em 18.03.

(28) O Prof. Germano Suesseger realiza uma exposição artística no Banco Inco para arrecadação de fundos pró-construção da torre, em 09.04.

(29) Visita Pastoral de D. Gregório à paróquia de 30.05 a 06.06.

Instalação de um curso de preparação à Eucaristia.

(30) Festa de Pentecostes em benefício das obras da torre, em 17.05.

(31) Festa e procissão de Corpus Christi, em 28.05. Festa em Pomerode, em 01.06.

(32) Reaberta a capela da Escola Agrícola, em 05.07.

(33) Celebração da 1ª. Eucaristia de 286 crianças na matriz, em 26.07.

(34) Festa na Fortaleza, em 16.08.

(35) Celebração da 1ª. Eucaristia de 252 crianças na matriz, em 01.11.

(36) Festa em prol dos trabalhos da torre, em 15.11.

(37) Jubileu de prata sacerdotal de Fr. Roberto Ebbert, em 02.12.

(38) Exposição no colégio S. Antônio de presépios confeccionados por crianças, em 20.12.

(39) Solene Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(40) Movimento religioso de 1959:

Batizados (1.944), casamentos (465), comunhões (152.600), 1ªs. comunhões (708).

Fundação «Casa Dr. Blumenau»

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO ARQUIVO HISTÓRICO «PROF. J. F. DA SILVA» AO ANO DE 1990.

Ao concluir-se o ano de 1990, apresentamos as atividades desenvolvidas por este setor. A grande meta do Arquivo foi dinamizar a informação para o pesquisador. A concretização desta etapa será plena a partir do momento que a documentação esteja inventariada e num futuro próximo possa ser

endereçada à informática agilizando o trabalho do usuário.

Para atingirmos estes objetivos, as atividades do arquivo estiveram voltadas para o processamento dos documentos, listagem e inventários analíticos.

Conforme descritivo abaixo pode-se constatar o trabalho de-

envolvido pelos diversos setores do Arquivo.

I — ARQUIVISTICA

No decorrer do ano 90, foram arranjadas coleções de dossiês.

Este trabalho vem se processando nas seguintes etapas: classificação, ordenação, confecção de verbetes e inventário. Muitos documentos foram reorganizados em suas respectivas caixas e outros reintegrados e conferidos.

Documentos processados	5.957
Caixas	189

II — ACERVO PRIVADO

Coleção Família — Foram integrados a este acervo vários documentos que chegaram no decorrer do ano como doação.

Norton Azambuja — Identificados conforme origem do documento em caixas para futuro tratamento.

III — ARQUIVO ADMINISTRATIVO

Trimestralmente o AHJFS, tem recebido da Prefeitura Municipal através do setor de Planejamento a série: «Projetos Arquitetônicos» e «Processos». Esta documentação é microfilmada e o seu original é remetido ao Arquivo. A dinâmica para o controle segue a ordem de chegada, sendo aprimorada pelo Arquivo que tem o cuidado de registrar os nºs. dos processos e ou projeto faltante. A morosidade deste trabalho exige do funcionário dupla atenção. No ano de 1990, foram reconferidos e reorganizados todos os pacotes que não estavam corretos. É importante ressaltar que o espaço destinado a esta documentação é diminuto havendo necessidade de aquisição de prateleiras de aço para a sua guarda e espaço de todo acervo Arquivístico.

IV — ICONOGRAFIA

Este setor está em parte concluído. No decorrer do ano foram incluídas fotografias que entraram no decorrer do ano 90. O acervo possui atualmente 24.097 fotografias que estão arranjadas por temas e sub-temas.

V — AUDIO VISUAL

A identificação e classificação de discos que fazem parte do acervo discotecário do arquivo, vêm sendo realizado por uma funcionária que no ano de 1990 se dedicou exclusivamente neste trabalho.

Discos catalogados: 992; Registrados p/posterior catalogação 388; Entrevistas 68.

VI — BIBLIOTECA DE APOIO

Formada por aproximadamente 20 mil títulos, este setor está passando por uma fase de conferência, troca de legendas e reclassificação quando se fizer necessário.

Livros reclassificados: 3.943.

VII — FICHÁRIO ONOMÁSTICO

Fichas temáticas que passaram a fazer parte deste fichário foram acrescentadas. Muito práticas para orientação do pesquisador este índice deve ser atualizado e reorganizado e o quanto possível entrar num programa de informatização. Fichas incluídas 732.

VII — TRADUÇÕES

Ao longo do ano de 90, foi dado continuidade aos trabalhos de tradução dos periódicos Blumener Zeitung e Der Urwaldsbote referentes aos anos 1902/1906. Traduções de obras avulsas foram realizadas, totalizando 2.412 pág. manuscritas.

VIII — DOCUMENTAÇÃO RECEBIDA / DOAÇÃO

Discos 165; Fotografias 118; Li-

vros 168; Diversos 44. Total 495.
IX — PESQUISAS

É expressivo o número de visitantes e pesquisadores que acorrem ao AHJFS, para realizarem trabalhos de pesquisas. Vale ressaltar a grande procura pela temática GENEALOGIA. Infelizmente o atendimento a este tema é moroso pela falta de uma dinâmica da informação o que seria facilitada se dispuzéssemos de um computador que nos remetesse e agilizasse a dados solicitados.

Visita orientada e pesquisa conf. livro de registro 1.658. Pesquisas para Mestrado e ou Doutorado 32. Escolas da Rede Municipal/Estadual e Particular 48.

X — ATIVIDADES CULTURAIS: EXPOSIÇÕES / PALESTRAS

Exposições:

— A Cerâmica na Região de Blumenau

— Imagens de Blumenau (Escola Adolfo Konder)

— Arsenal Futebol Clube (Exposta no Museu da Família Colonial).

PALESTRAS:

Foram proferidas as seguintes palestras:

— «A Arquitetura do Enxaimel» — Local: Colégio Barão do Rio Branco. Duração: 45 min.

— «A Guerra do Contestado» — Local: Colégio Sagrada Família. Duração: 60 min.

— «Colonização do Vale do Itajaí» — Local: SENAC

XI — CURSOS

— Objetivando aprimorar a qualidade e conhecimento dos funcionários que atuam ao AHJFS, foi ministrado um curso intensivo de 60 horas/aulas para Técnico de Arquivo. Período: Junho a outubro.

— Curso de Arquivos Interme-

diários. Realizado em Florianópolis, sob o patrocínio do Arquivo Público Estadual. Período: 26 a 30 de novembro. Participante: Sílvia Toassi.

— Curso de Paleografia — Realizado em São Paulo, sob o patrocínio do Arquivo do Estado de São Paulo. Período: 28 e 29 de novembro. Participante: Cristina Ferreira.

— 8º. Congresso Brasileiro de Arquivologia — Local — Bahia (Salvador). Período: 15 a 20 de outubro. Participante: Sueli M. V. Petry, que apresentou uma comunicação sob o título «O acervo fográfico do Arquivo José Ferreira da Silva».

XII — FUNCIONÁRIOS

As atividades do AHJFS, no ano de 1990 contou com a colaboração de sete funcionárias que estão assim dispostas: Historiador/Arquivista: 01; Tradutor: 01; Técnico em Arquivo (2 c/3º.Grau em fase de conclusão e 3 com o 1º. e 2º. Grau): 05. Total 07.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A realidade do AHJFS, é hoje evidente pelo expressivo volume documental que nele estão armazenados e o seu acesso é facilitado ao pesquisador que dispõe de listas e inventários que o orientam. No entanto, há muito o que fazer. A falta de espaço é no momento, um problema que urge a atenção especial. A introdução da informática é necessária uma vez que, virá agilizar e dinamizar a informação evitando processos obsoletos e morosos, colocando o em sintonia com modernidade arquivística.

O constante treinamento e atualização dos funcionários são fatores vitais para o bom desenvolvimento dos trabalhos do Arquivo.

A pesquisa interna e externa e a efetiva prática do resgate da memória histórica, através da História Oral, são projetos que o AHJFS deve e pretende agilizar para o ano de 1991. A sua efetivação poderá ser realizada através Convênios FURB/Fundação «Casa Dr. Blumenau» pelo auxílio de estagiários.

RELATÓRIO ANUAL DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL 1990

Objetivando preservar a memória dos primeiros colonizadores que se estabeleceram na região do Vale do Itajaí, o Museu da Família Colonial tem procurado revitalizar e dinamizar dentro da sua política institucional o seu acervo para melhor atender o público que o visita.

I — MUSEOLOGIA

No decorrer do ano de 1990, foi dado continuidade aos trabalhos de registro e processamento do acervo de peças. Paralelo a esta atividade é feito o inventário analítico do acervo documental e Bibliográfico.

Dispondo o Museu de apenas três funcionárias, esta atividade vem sendo realizada diariamente por um elemento e nas 2as-feiras a auxiliam no processamento técnico. Este dia da semana é dedicado a limpeza da casa estando a mesma fechada para o público.

II — DOAÇÕES

O Museu recebeu no ano de 1990, 116 doações de peças que constam no seu livro de registro. Estas doações espontâneas são as mais variadas e após uma triagem são catalogadas.

III — EXPOSIÇÕES

— Imagens do Vale do Itajaí (pinturas a óleo e aquarelas).

— A Cerâmica na Região de Blumenau (maio/agosto)

— O Arsenal Futebol Club (exposição de troféus e doc./Fot.)

— Calendários da CREMER. (Esta exposição constou de todos os calendários de temas regionais no decorrer dos últimos anos).

IV — VISITANTES

O Museu da Família Colonial no ano de 1990 teve a seguinte visitação entre público que pagou ingresso e estudantes que vieram assessorados pelas escolas.

Pagantes 4.345; Estudantes não pagantes 4.761; Visitantes total 9.106.

Obs.: O período de maior movimento por parte dos visitantes ocorre nos meses de férias janeiro, fevereiro, julho e outubro em decorrência da Festa de outubro.

A visita orientada de alunos é feita anualmente. Nesta oportunidade os alunos recebem instruções das moças que explicam os objetivos do Museu e o seu acervo.

ESCOLAS

Visitaram o MFC um total de 76 escolas, sendo elas da rede Municipal, Estadual e Particular de Ensino.

Também visitaram o Museu grupos vindos de outras cidades que receberam orientação conforme solicitação.

LANÇAMENTO

Fato marcante que registramos no ano de 1990 foi o festivo lançamento do Calendário Cremer S.A. que tem como tema o MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL. O lançamento que contou com a presença da Diretoria e demais convidados daquela empresa foi o maior aconte-

cimento do ano para o Museu. A divulgação do acervo e abrangência do mesmo vem demonstrar a sintonia do empresariado blumenauense em especial a Cremer S.A. por este magnífico gesto de divulgar a memória histórica da cidade através desta temática para o seu calendário de 1991. Vale ainda registrar que esta mesma Empresa fez doação de 500 envelopes contendo as imagens selecionadas que constam do Calendário para serem vendidas pelo MFC junto ao público, comércio e hotelaria. Somos agradecidos a Cremer S.A.

VI — CURSOS

Objetivando aprimorar a qualificação e conhecimento dos funcionários do Museu, para que possam atender às expectativas e

questionamento dos seus usuários, foi realizado no decorrer do ano de 1990, curso referente a História do Vale do Itajaí e História de Santa Catarina. Esta reciclagem se faz necessária periodicamente para que haja um melhor desenvolvimento das atividades do Museu. **RELAÇÕES HUMANAS**

Foi um curso realizado sob o patrocínio da Prefeitura Municipal com duração de uma semana.

Participante: Karin Hoffmann.

Blumenau, janeiro 1991.

Sueli M. Vanzuita Petry

Prof. responsável pelo Setor Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau» — Arquivo Histórico e Museu da Família Colonial.

CARTAS

Uma contribuição para a história

Acusamos com satisfação o recebimento de mais uma carta do nosso prezado leitor Siegfried Carlos Wahle, cujo conteúdo passamos a divulgar a seguir:

“São José do Rio Preto, 06 de fevereiro de 1991”.

Blumenau em Cadernos
Alameda Duque de Caxias, 64
Caixa Postal 425
89015 — Blumenau, SC

Prezado senhor José Gonçalves

Ref.: Artigo publicado no nº. 11/12, TOMO XXXI, pag. 276 a 291

O artigo “UMA BLUMENAUENSE DE 80 ANOS CONTA A SUA VIDA” é mais um trabalho que muito contribue para a história de Blumenau. Gostaria de ponderar um pouco no que se refere ao sr. Alfredo Carvalho.

Alfredo Carvalho foi uma figura original e interessante. Conheci-o muito bem na minha infância e juventude. Até a época da nacionalização (1938), meu pai representava um jornal semanário, editado na língua alemã, pelos Franciscanos de Curitiba, chamado

“Der Kompass”. Durante o tempo em que o meu pai representou este jornal o sr. Alfredo Carvalho manteve uma assinatura, e pessoalmente apanhava-o semanalmente. Era nessa oportunidade que eu costumava conversar com ele. Era uma pessoa, que quando não alcoolizada, podia manter uma boa palestra. O jornal levava-o à sua esposa, que era filha do ex-prefeito Paul Zimmermann. Era um bom mecânico de automóveis, mantendo uma oficina na Alameda Rio Branco, até que a mesma fora destruída por um incêndio. Daí para frente, não mais trabalhou por conta própria.

O álcool era a sua parte fraca e assim mesmo frequentava a mesa dos Hering, que se reuniam uma vez por semana na varanda do Hotel Gross.

Por duas vezes ele tentou subir a antiga escada da Igreja Matriz de Blumenau. A primeira tentativa, fracassada, foi com um automóvel cedido pela Casa Moellmann. Segundo Alfredo Carvalho, o carro era muito leve para a inclinação da escada. A segunda tentativa foi com um automóvel Studebaker, fornecido pela Casa Roberto Grossenbacher, bem mais pesado e mais possante. Com este carro não houve dúvidas, subiu bem, deu a volta ao redor da igreja e desceu a mesma escada sem novidades. Esta subida foi festejada no Hotel Gross até noite a dentro. Como o pátio de igreja, na minha infância, era o lugar costumeiro para brincar, assisti, em companhia do falecido Percy João de Borba que morava em frente à escada da igreja, a estas proezas do sr. Alfredo Carvalho. Não me lembro ter visto nenhum padre, nem houve aglomeração de pessoas, salvo alguns transeuntes ocasionais.

O sr. Alfredo Carvalho nunca esteve sob a influência do álcool, quando ia apanhar o jornal “Der Kompass”.

Com a nacionalização veio a proibição do uso da língua alemã. Isto Alfredo Carvalho não podia engolir. Quando alcoolizado, cantava canções em alemão, o que provocava muitas prisões na cadeia pública, onde passava a noite, continuando a cantar em alemão. Não poucas vezes foi, segundo comentários da época, maltratado sem nenhuma justificativa.

É preciso ter em conta, que com figuras como Alfredo Carvalho, logo começam a se criar lendas. Muita coisa que se fala de Alfredo Carvalho, não passa de fantasia criada nas mentes da garotada da época.

Ref.: “UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA” TOMO XXXII, Janeiro 1991, nº. 01, pag. 13

Acabo de receber este fascículo com os seus comentários a respeito de minha carta. Muito obrigado pelo seu trabalho, que eu apreciei muito. Sem intenção de criar polêmica, desejo voltar ao assunto. Como genro do sr. Erwin Ruehle, acompanhei pessoalmente o desfecho da transferência do arrendamento do hotel. O sr. Ruehle e sua filha Gisela, então minha noiva, foram detidos, em outubro de 1942 por serem alemães. Esta detenção foi relachada em maio de

1943 por interferência do Delegado de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro. Ao sr. Ruehle fora indicada a cidade de São Bento do Sul como residência obrigatória e a sua filha Gisela, a cidade do Rio de Janeiro. Nestas condições o hotel ficará sendo administrado somente pela sra. Hanny Ruehle, esposa do sr. Erwin Ruehle. Gisela e eu nos casamos no Rio, e em fins de outubro de 1943 fomos informados do acidente que minha sogra sofrera, quando uma telha soltou-se do telhado, atingindo-a na cabeça com ferimentos de certa gravidade, sendo obrigada a internar-se em um hospital em Blumenau. Foi nesta ocasião que a sra. Wanda Wille passou a substituir a minha sogra na administração do hotel. Chegamos a Blumenau, Gisela e eu, para inteirarmos-nos do estado da sra. Hanny, e fomos logo procurados pelo Dr. Freitas Melro, inteirando-nos do interesse do sr. Saul Duque em adquirir o hotel. Os entendimentos foram rápidos. A exigência de um fiador por parte do Sr. Saul, quase complicou a negociação. Porém o sr. Darius, dono de um posto de gasolina e sócio da Auto-Viação Catarinense, e se não me falha a memória, também cunhado do sr. Saul Duque, resolveu o problema. Isto tudo no mês de novembro de 1943.

É por esta razão que, eu suponho, ao se hospedar no Hotel Ruehle, em 23 de novembro de 1943, fora recebido por dona Wanda Wille, pois, a sra. Hanny Ruehle já não mais se encontrava no hotel, e, possivelmente, era uma conveniência do sr. Saul que dona Wanda continuasse até que ele estivesse em condições de assumir.

Atenciosamente

Siegfried Carlos Wahle"

Nota do editor: A contribuição do nosso prezado leitor Siegfried Carlos Wahle, é mais uma importante elucidação da nossa história. Somos gratos por mais esta contribuição e esperamos que esta seja um incentivo a outros leitores de "Bl. em Cadernos" que se disponham a narrar o que sabem a respeito de fatos ocorridos em décadas passadas na nossa Blumenau para o enriquecimento de sua história.

O jornal "Diário do Povo", de Campinas, em sua edição de 11/01/91, publicou o seguinte artigo, sob o título acima:

Vinte e seis anos depois...

Odilon Nogueira de Matos

"Vinte e seis anos após o Congresso de Geografia realizado em Florianópolis em 1940 e do qual já me ocupei em duas oportunidades nesta mesma folha, tive ocasião de voltar à terra catarinense para uma nova reunião de geógrafos, desta vez não na capital, mas em Blumenau, a grande e bela cidade do vale do Itajaí. Fora esta reunião

promovida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, cujo presidente nacional era, na ocasião, o ilustre geógrafo e historiador Victor Peluso Júnior, atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Ao ser eleito presidente nacional da entidade, entendeu Peluso Júnior de convocar para o seu Estado a próxima «assembléia anual» da associação, marcada para julho de 1966. E os dez dias que o grupo de geógrafos e estudantes de geografia ligados à Associação dos Geógrafos Brasileiros passou em Blumenau foram significativos, pelo interesse dos trabalhos realizados no vale do Itajaí-açu, inscrevendo a importante região no mapa dos empreendimentos da associação por todo o território brasileiro.

Para mim, particularmente, é extremamente agradável recordar a “assembléia geográfica” de Blumenau, de 1966, não só por ter tido o privilégio de ser orador oficial da sessão de instalação do congresso, como pelas oportunidades que tive de sentir o quanto a região de Blumenau oferece ao estudioso da história e da geografia do Brasil. Data daí meu relacionamento com o saudoso José Ferreira da Silva, que conheci vinte e seis anos antes como prefeito de Blumenau e desta segunda vez o encontrei como diretor da Biblioteca Fritz Müller, função em que teve oportunidade (e gentileza!) de pôr-se à minha disposição para o de que necessitasse nos trabalhos que me coubera realizar, qual seja a “evolução urbana” de Blumenau. As muitas horas que conversamos nos vários dias de duração da assembléia valeram pela melhor das lições, pois tudo José Ferreira da Silva sabia sobre o vale do Itajaí. E a biblioteca que dirigia abrigava riquíssimo material de consulta, muita coisa (talvez mesmo a maior parte) escrita em alemão.

Foi por essa ocasião que tomei conhecimento — e obsequiou-me eie com uma coleção quase completa — da publicação “Blumenau em Cadernos”, por ele fundada alguns anos antes e que ainda circula, editada hoje pela Fundação «Casa Dr. Blumenau». Esta publicação (mesal) tem se constituído em fonte valiosa para as pesquisas que venho realizando sobre estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, ou, pelo menos, sobre uma parte do Brasil, no caso a terra catarinense. Cheguei mesmo a elaborar, em colaboração com a historiadora campineira Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, extensa monografia sobre o tema, apresentada a uma “semana” de História, em Franca, mas ainda não publicada.

O tipo de trabalho realizado na reunião de Blumenau, que estou recordando, foi bem um exemplo do programa e dos objetivos da Associação dos Geógrafos Brasileiros em suas reuniões anuais, cada vez numa região do Brasil: Rara a unidade da Federação onde ela não se tenha realizado. Creio que apenas Amazonas, Maranhão, Piauí, e Ceará. Em todas as demais, a chamada “AGB” deixou a marca de seu trabalho em prol de um melhor conhecimento do Brasil. Oportunamente, voltarei ao assunto, recordando as realizações desta benemérita entidade cultural fundada em São Paulo em 1934 pelo grande geógrafo francês Pierre Deffontaine e creio ainda existente”.

NOTAS À HISTÓRIA DE GASPAR (II)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Obs: Transcrição do manuscrito: «Notas para a História e Corographia da Paróquia São Pedro Apóstolo do Gaspar», anexo ao 2º Livro de Tombo da Paróquia.

Colonização de Itajahy:

Contudo que já no fim do século dezoito e princípio do século dezanove já tivessem diversos moradores perto do Rio Itajahy que por sua vontade e conta tinham-se ahí estabelecido, dada a colonização official do Rio Itajahy do anno de 1.820. Neste anno de 1.820 veiu de Rio de Janeiro por ordem do ministro Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, o distincto brasileiro Antonio de Menezes de Vasconcellos Drummond encarregado da fundação de uma colônia no Itajahy.

Durante a administração deste senhor, construiu-se alli uma samaca denominada de «S. Domingos Lourenço» que foi a primeira embarcação daquelle lote que transpoz a barra carregada de feijão, milho e taboado para o Rio de Janeiro.

Almeida Coelho transcreve um trecho de uma antiga memoria que acerca de desidiosa a administração de Drummond. O facto é que este brasileiro procurou fazer conhecida na Europa a Capitania Catarinense, escrevendo no «Journal des Voyages» vários artigos sobre o Itajahy e o Morro do Tayó (talvez de Bahú) e mandando para o Rio de Janeiro várias perolas encontradas em S. Francisco. A população do districto de Itajahy em

poucos annos argumentou-se tanto que o bispo diocesano de Rio de Janeiro achou por bem não mais adiantar o pedido deste povo de mandar-lhes um sacerdote. O primeiro padre pelo bispo mandado a Itajahy e provido como capellão curado deste districto foi o P. Frei Pedro Antonio de Agote, Religioso Franciscano do convento do Rio de Janeiro. Esta a sua Provisão:

« Dom José Caetano da Silva Coutinho, por mercê de Deus e da Sta. Sé Ap. ca. Bispo do Rio de Janeiro. Capellão Mór sua Mage. Imperial do seu Conselho e Presidente da Meza da Consciencia e Ordens. Aos que a presente Nossa Provisão viram, Saude e Bênção. Fazendo saber que attendendo Nós a sufficiencia e bem procedimento do Rev. ao Pe. Frei Pedro Antonio de Agote, Religioso Franciscano. Havemos por bem de o prover Como pela presente Nossa Provisão o provemos enquanto não mandarmos o contrario em a Occupação de Capellão ao Districto de Itajahy que comprehende todos os moradores entre o Rio Gravatá ao Norte e o Rio Camburiú ao sul a qual occupação servirá bem e fielmente como convem ao serviço de Deus e bem das almas dos moradores do mencionado districto administrando-lhes os Sacramentos e absolvendo-os de todos os pecados excepto aos reservados, actuaes, voluntarios, concubinatos e occasiões proximas, fazendo Estações ensinando a doutrina christã principalmente aos pequenos e pessoas rudes que

necessitarem de a saber e muito lhe encarregamos a boa direcção das almas dos moradores do districto, de que dará contas a Deus Nosso Senhor e as dita Occupação perceberá os fructos da Obra e pé de Altar, segundo o costume do Bispado alem da Congrua em que convencionar com o povo e todos os mais proes e precalços que direitoamente lhe pertencerem; e lhe concedemos mais a faculdade de poder benzer na forma do Ritual Cemiterios e uma Capella do Smo. Sacramento logo que estiver acabada e em termos de se celebrar o Sto. Sacrificio da Missa, authorizando-o para celebrar entretanto no Oratorio particular que lhe parecer decente. E mandamos a todos os moradores do referido districto reconheção ao dito Pe. Frei Pedro Antonio de Agote por seu Capellão Curado e como tal o estimem, obedeção e bem tratem em tudo quanto são obrigados e para que inteiramente assim se observe e publicará em a primeira Domingo ou dia festivo aos seus Applicados; e será apresentada ao Rev. Vigario da Vara respectivo para a fazer cumprir e registrar. Dada nesta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro sob o Nosso Signal e Sello de N. Chança, aos trinte e hum de março de mil oitocentos e vinte e quatro. E Eu, Padre Francisco dos Santos Pinto. Escrivão da Camara Episcopal e subscrevi. J. Bispo de Rio de Janeiro, Capellão Mor. Cumpra-se e registre-se. Itapocoroy, 20 de julho de 1.824. Registrado à pg. 23 do Livro da Similhanes, Rio de São Francisco, 23 de outubro de 1.824. O Escrivão Joaquim José de Oliveira».

Já nos primeiros dias do mês de abril de 1.824, o Pe. Frei Pe-

dro Antonio de Agote, em companhia de seu irmão de hábito Pe. Frei Rumão Lapide, embarcou no Rio de Janeiro com destino a Itapocoroy. Pois dos livros parochiaes da Capella de São João Baptista de Itapocoroy se verifica que estes dois religiosos estavam naquelle lugar já no dia 24 de abril de 1.824. No principio de setembro de 1.825 chegou o P. Frei Gregorio das Dores para substituir o Pe. Frei Rumão Lapide que se retirou no fim de outubro do dito para Rio de Janeiro.

Doação do terreno para Capella e Cemeterio

Antes de chegar os dois Franciscanos por ordem do Bispo diocesano do Rio de Janeiro a Itajahy já foi dado um terreno para a construção de uma capella. O documento tem o teor seguinte: Fazemos Nós abaixo assignados com hum cruz que he o signal de que cezamos José Coutho da Rocha e minha mulher Maria Coutho da Rocha que somos senhores possuidores de trinta (30) Braças de terras de Frente com cecenta (60) Braças de fundos sitas neste Rio a leste ao dito Rio as frentes e os de Itajahy-Grande no lugar chamado Estaleiro cujas terras fazem fundos ao oeste com terras de nossa propriedade, extremando pelo sul com terra de Agostinho Alves Ramos e pelo norte ainda com terras de nossa propriedade cujas terras assim confrontadas fazemos a Duação no valor de trinta mil réis ser feita sua capella e hum cemeterio. Com condição devemos dar a sepultura e fazemos o Bem d'Alma. Cuja Duação fazemos por muito nossa livre vontade e sem constrangimento de Pessoa alguma. E pedimos o Senhor Ben-

to José da Costa que este por nós fizesse assignado como testemunha e nos assignamos com o nosso signal que he uma cruz. Rio de Itajahy, 2 de abril de 1.824. José Coutho (+) da Rocha, e Maria Coutho (+) da Rocha. Como testemunha que este fiz por me ser pedido pelos ditos senhores, Bento José da Costa. Como testemunha que lhe este vi fazer, Germano José da Silva.

Quando pelo fim de abril de 1.824 o Pe. Frei Pedro Antonio de Agote chegou a Itajahy sem duvida. Estou logo de construir a dita capella em honra do S. Sacramento. Em que lugar estava o terreno dado para a construção da primeira capella de Itajahy não pude com certeza verificar mas provavelmente é o terreno em que actualmente está construída a matriz, pois ahi era também o primeiro cemeterio. Até agora não encontrei nenhuma pessoa velha que tinha visto a primeira capella os mais velhos só se lembram do principio da construção da actual Matriz e que naquele tempo se diz a missa numa casa em que está agora instalada a Pharmacia Portuguesa». A actual matriz de Itajahy em 1.848 já era principiada mas demorou muito dizer a primeira missa nela e depois de quasi 70 annos não chegaram de acabar toda inteiro.

Por falta de um irmão leigo que tratasse do serviço da casa o Pe. Frei Pedro A. de Agote viu-se obrigado de comprar escrava com o nome Florencia por 256 réis do Senhor José Machado Espindulla no dia 13 de outubro de 1.828. Desde o dia 18 de abril de 1.833 não encontrei mais um signal nos livros parochiaes de São João Babtista de Itapocoroy da presen-

ça dos dois primeiros Padres Franciscanos Pe. Frei Pedro Antônio de Agote e seu companheiro. No arquivo da parochia de Itajahy são os assentos mais velhos escritos em 1.835. Por decreto nr. 21 de 12 de agosto de 1.833 Itajahy recebeu a dignidade de parochia — em 15 de abril de 1.859 — villa e 1.876 — cidade.

O primeiro livro dos Bactizados, Casamentos e Óbitos foi rubricado pelo vigario da Vara da Villa de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco para a parochia do S. Sacramento de Itajahy pelo Pe. Marcelino Francisco da Silveira em 15 de outubro de 1.829. Mas o primeiro assento foi escripto só aos treze de março de mil, oitocentos e trinta e cinco pelo Pe. Francisco José de Souza. Parece que os primeiros sacerdotes franciscanos tinham os seus próprios livros que levaram para Rio de Janeiro. Desde dezembro de 1.847 até janeiro de 1.857 faltam os livros parochiaes no archivo de Itajahy. Em 1.854 tem alguns assentos sem assignatura.

Padres em Itajahy conforme os livros parochiaes

P. Frei Pedro Antonio de Agote — capellão curado (abril 1824 — 1831).

P. Frei Rumão Lapede — coadjutor (abril de 1824 — outubro 1825).

P. Frei Gregorio das Dores — coadjutor (setembro 1825 — janeiro 1833).

Parochia — 12 de agosto de 1833

P. Francisco José de Souza — (13 de março 1835 — 20 de março 1835).

P. Joaquim Serrano, Vig. Enc. 1º vigário 9 de agosto 1835 — 7

janeiro 1836).

P. Francisco Rodrigues Vig. Enc. 2º vigário (20 de janeiro 1838 — 5 de janeiro 1841).

P. Antonio Augusto de Assenção e Azevedo — Vig. de Porto Bello (5 de maio de 1841 — 7 de maio de 1841).

P. Francisco Rodrigues — Vig. do Ribeirão e Vig. Encar. (5 de janeiro de 1842 — 14 de junho de 1842).

P. João Bapt. Rameiro — 3º vigário (6 de novembro de 1841 — 14 de novembro de 1842).

P. Antonio Joaquim Francisco Maia — Vig. Encar. 4º vigário (15 de jan. 1843 — 19 de junho 1843).

P. Francisco Hernando — Vig. Encar. 5º vigário (8 de maio de 1843 — 30 junho 1845).

de 01 de julho 1845 — 21 de nov. 1847, falta assignatura.

De 25 de novembro de 1854 — 12 de fevereiro de 1855 — folgas avulsas sem assignatura).

P. João Luiz Nepomuceno Macedo — 6º vigário (5 de janeiro 1857 — 26 de janeiro de 1857).

(P. Amando Antonio Martins — 7º vigário (19 de fevereiro de 1857 — 1 de maio de 1858).

Franciscano holandez — em junho e julho de 1857 na capella de Belchior.

P. João Luiz Nepomuceno de Macedo (18 de julho de 1858 — 8 de agosto de 1859).

18 e 19 de setembro de 1858 na capella de S. Pedro Ap. filial da Matriz de S. Sacramento de Itajahy.

P. João Rodrigues de Almeida (19 de setembro de 1859 — 29 de fevereiro de 1860).

P. Carlos Boegershausen, vig. de Joinville em 4 e 5 de dezembro de 1859 na capella de S. Pedro Apóstolo.

P. João Domingos Álvares Veiga (9 de março de 1861 — 24 de maio de 1864).

No Oratório do Cap. Flores no lugar denominado Bombista (28 de março de 1860).

Na capella S. Pedro Apóstolo (4-13 julho 1860 — vuigo chamado P. João da Roça).

P. Antonio Francisco Nóbrega (28 de maio de 1864 — 20 de maio de 1867).

P. João Rodrigues Almeida (28 de julho de 1867 — 17 de novembro de 1867).

P. Miguel Ruggiero (24 de novembro de 1867 — 01 de outubro de 1871).

P. João Domingos Alves Veiga — Vig. da Penha (27 novembro de 1871).

P. Alberto Francisco Gattone (28 de novembro de 1871 — 20 de julho de 1872).

P. João Rodrigues de Almeida (4 de setembro de 1872 — 12 de fevereiro de 1873).

P. Alberto Francisco Gattone (5 de março de 1873 — 8 de março de 1873).

P. João Rodrigues de Almeida — Vig. Camburiú — (30 de abril de 1873 — 1 de maio de 1873).

P. João Maria Cybeo, S. J. Missionário (3 de maio de 1873 — 23 de junho de 1873).

P. Bento Schumbi, S. J. Missionário (28 dezembro de 1873 — 9 de março de 1873).

P. Mariano Gizinski (9-10 novembro 1873).

P. Manoel Marques Siqueira Figueiral (25 de abril de 1874 — 14 de julho de 1877).

P. João Domingos Alves Veiga Vig. da Penha (22 julho 1877 — 25 julho 1877).

P. João Rodrigues de Almeida (21 agosto 1877 — 9 julho 1894).

P. Honorato Strank, O. S. F. — (20 julho 1894).

P. Rocck, S. J. Missionário (8 agosto 1894).

P. Henrique Matz (11 de agosto 1894 — 26 agosto 1894).

P. Zeno Wallbroehl e Gabriel Kremer (6 setembro 1894 — 5 outubro 1894).

P. Vicente d'Agenzio — Vig. da Penha (5 de outubro 1894 — 10 setembro 1895).

P. Antonio Eising (11 setembro 1895 — 1 março 1896).

P. João Bapt. Peters (7 março 1896 — 14 maio 1904).

P. Ludovico Coccolo (15 maio 1904 — 26 setembro 1905).

P. José Foxius, S.C.J. (26 setembro 1905 — 13 novembro 1917) expulso pelo povo por causa de sua nacionalidade.

P. Fernando Garcez, O. P. espanhol (1 dezembro de 1917 — julho 1919).

P. Guilherme Farinha da Silva, português, (1919).

Colônia Pocinho e Belchior no Rio de Itajahy:

Em 11 de maio de 1.835 foi dada a Lei Provincial de povoar as regiões do Itajahy-assú que pertenciam então ao município de Porto Bello. Agostinho Alves Ramos, deputado à Assembléia Provincial e primeiro director desta colonia que provou os arraiaes de Belchior e Pocinho sobre o Rio Itajahy em carta data de 15 de março de 1.836, dirigida ao Presidente da Provincia ao mesmo propoz a transplantação d'aquellas famílias decedentes de açoritas e outros estrangeiros já acolimados para o interior da Provincia porquanto existe concentrada na Ilha huma superabundancia de população que se asseveradou com pouca differença de mil habitantes por legua quadrada, cuja penuria obri-

gou a huma migração constante para o continente do sul, nem querendo povoar os certões da Terra firme pelo temor do Bugre.

De começo do anno de 1.836 individuos nacionaes e estrangeiros já domiciliados os ultimos no país procuraram estabelecer-se na colonia mas que tiveram de abandonar em breve tempo, amedrontados pelo gentio que por esse tempo terrivel incursão fez em Camburiú. Devido esse facto só permaneceram na collonia em 1.837, 2 nacionaes e 6 estrangeiros, tendo os fugitivos abandonado lavouras e outras benfeitorias.

No anno seguinte collocado um posto de pedestres em Itajahy animaram-se os colonos e foram voltando as suas plantações de sorte que em 1.839 contava-se novos dois arraiaes Belchior e Poucinho 47 familias brasileiras e 17 estrangeiras compostas de 141 pessoas. O Sargento Mor, mais tarde Coronel Agostinho Alves Ramos tinha a sua sede em Itajahy. Como os seus adjudantes trabalhavam na distribuição das colonias, o juiz de Paz: Luiz Dias de Arzão, Francisco da Costa Passo, escrivão d'elle e agrimensador Antonio Vanzoite. Sucessores do coronel Agostinho Alves Ramos eram successivamente João da Silva Mafra, o major Henrique Etur e o filho deste Augusto Frederico Benjamin Etur e que servia em 1.852.

Para a Colonia de Poucinho foi marcado um arraial na barra do Ribeirão Arrozal e para Belchior no lugar onde mora agora o Senhor Schäfer e seu genro Germano. Mais tarde pela divisão do terreno entre os dois Ribeirões Gaspar Grande e Gaspar Pequeno em lotes pequenos urbanos pelo Dr. Hermann Blumenau, a intenção do governo a respeito destes

dois arraiaes ficou frustrada e a divisão anterior illusoria. Estando abandonado o arraial de Belchior por medo dos Bugres mandou o governo para lá no anno de 1.843 um destacamento de pedestres com o fim de proteger os seus poucos habitantes da ferosidade dos selvícolas. Para director foi nomeado o Major Henrique Etur que com incansável dedicação deu grande movimento ao povoado.

Elle mandou abrir tres grandes picadas. Uma atravez de Belchior e Luiz Alves sobre escavados até ao mar perto da Penha, outra do morro Esculda, barra do ribeirão Fortaleza atravez de Itoupava e Putanga até a Pedra Grande em Itapocú, da Rocceira de Gaspar até a Boa Vista. A carta bem feita pelo Major Henrique Etur recebeu de parte do Snr. José P. Liberato e Snr. Antonio Bernardo Haendcken que por sua vez a deu ao Snr. Pedro Hercilio da Luz. O Major Henrique Etur abriu também uma escola para os filhos dos colonos. Infelizmente em 1.852 foi mandado retirar o destacamento: uma parte o soldado tomou baixa e outra parte foi collocada no Garcia em Blumenau. Major Henrique Etur retirou-se para Itajahy onde falleceu. Este destacamento de soldados tinha mandado o Presidente da Provincia Marechal Antero José Ferreira de Brito (26 de junho de 1.840 — 26 de dezembro de 1.848) um dos mais hábeis administradores que teve a provincia de Santa Catharina. Continuando o desenvolvimento da colonia, em 1.851 já possuia ella 62 fazendas com 365 pessoas entre nacionaes e estrangeiros sendo viúvos 6, casados 130 e 229 solteiros. Possuia a colonia 21 engenhos de farinha de mandioca e 10 de canna

e 108 bois. O total de terras concedidas nas duas margens do Itajahy era de 11.641 hectares.

As terras eram muito férteis e passavam por uma das melhores da provincia. Em 1.854 contava a colonia 15 engenhos de açúcar e aguardente e 20 de farinha de mandioca, sendo bastante regular a exportação dos respectivos productos. No mesmo anno de 1.854, já a colonia era considerada pelo Presidente Dr. João José Coutinho (24 de janeiro 1.850 — 1859) como fazendo parte da massa geral da população da provincia sujeita ao mesmo regime tributário e de aquisição do solo. Não possuia a collonia regulamentos especiaes e nem os favores que competem a estabelecimentos deste genero. Eram catholicos todos os seus habitantes.

Primeiros moradores no Valle do Itajahy:

1 — Ao lado direito i é ao sul do Rio Itajahy-assú:

1 — Alexandre de Azevedo Leão Coutinho, filho do capitão Manoel Gonçalves Leão, proprietário e fundador da Fazenda de Itajahy, perto de Cabeçudas foi ahi morar com sua familia e alguns escravos depois do anno de 1.786.

2 — Antonio de Menezes de Vasconcellos Drummond, fundador da collonia de Itajahy onde actualmente está a cidade deste nome, veiu morar ahi em 1.820 com diversos colonos entre estes José coutho da Rocha, Agostinho Alves Ramos e Bento José da Costa.

3 — Manoel Cordeiro morava com sua familia do Itajahy-mirim até Espinheiros.

4 — Francisco de Souza com sua familia morava no terreno entre os Espinheiros e Barra de Luiz Alves.

5 — Major (desde 1868 capitão e 1880 Tenente Coronel) José Henrique Flores tinha duas léguas (1 légua é igual a 3.000 braças) de terras da Barra de Luiz Alves até perto de Gaspar Pequeno com uma légua de fundo que comprou em 1.836.

6 — Entre os limites da terra de José Henrique Flores e o ribeirão Gaspar Pequeno veio morar depois João Luiz Dias, Joaqui n Lopes e Antonio Vansoita, agri- mensador.

7 — Entre os ribeirões do Gaspar Pequeno e Gaspar Grande morava Bento Dias que depois vendeu a sua posse ao Dr. Hermann Blumenau. É o terreno da actual Freguezia do Gaspar.

II — Do ribeirão do Gaspar-Grande para cima do Itajahy-assú moravam:

9 — João Kehrbach que em 1.848 vendeu a sua terra a Friderico Guilherme Schramm.

10 — Francisco Giorgio, Joaquim Floriano, Nicolau Bornhofen, João Schneider, Manoel Pereira e Valentim Theifs, que sentou praça de 6 de março de 1.827 até 6 de março de 1.831 no Exército do Brasil, Batalhão dos Granadeiros nº 2. Depois casou-se com Gertrudes Goedert em São Pedro de Alcântara e mudou-se para cá em 1.839 indo morar 7 quilômetros distante do Gaspar.

11 — 6 klm. distante do Gaspar perto do Belchior morava Nicolau Deschamps e seus filhos Pedro e Nicolau Deschamps.

12 — Na passagem de Belchior, Manoel Antônio de Miranda.

13 — No lugar onde vivia a família Schaefer era a estação militar.

III — Ao lado esquerdo i é ao norte do Itajahy-assú moravam:

1 — Do mar até Pontal alguns caboclos descendentes dos colonos assoritas.

2 — Do Pontal até Sacco Grande, Maximo Pereira dos Santos.

3 — Do Sacco Grande até Salseiro a família Machado e os dois irmãos Manoel e João Ignácio Vieira.

4 — De Salseiro até Pedra de Amolar tinha o P. Domingues de Azevedo Leão Coutinho (Bento Barbosa de Sá Freire Azevedo Coutinho) sua sesmaria de 1 légua defrente com duas de fundo e casa de morada na Volta Grande que tudo foi vendido depois a João Dias da Silva Mafra, cujos descendentes ainda hoje ahi moram).

5 — João de Azevedo Leão Coutinho que tinha recebido duas léguas de terras quadradas da Pedra de Amolar até a frente de Ilhota.

6 — Debaixo do Poucinho Antônio Ferreira Camillo e acima Luiz Dias de Arzão.

7 — No outro lado de Poço Grande: Joaquim Alves de Andrade.

8 — No Estaleiro das naos: Nicolao Werner, Beittcher, Hostins, Otekir, Battels (pharmaceutico), Polmann e Pescina.

9 — Da ilha de Gaspar para cima: Manoel e José Rabello e Manoel Simplicio.

10 — Do Morro das Pedras para cima: Richardo Keunecke, Jacob Theifs, irmão de Valentim, Pedro Junk, Antonio Rinkes, Rüdiger, José Haendchen, ferreiro, Berens, João Klocher, que deu o terreno para a primeira capella e cemeterio, Pedro Jorge Wagner e Pedro Dias de Moura em cima da passagem de Belchior.

Os primeiros Collonos Allemlães no Arrayal do Belchior:

Os primeiros collonos allemlães já estabelecidos aqui no Brasil que seguiram a chamada do primeiro director da Collonia Belchior e Pocinho, Agostinho Alves Ramos, eram doze:

João Klocher (n. 1788) casado com Anna Maria Deschamps (Franceza n. 1793) veiu no Marquez de Vianna em 12 de novembro de 1828 e subiu a 29 de março de 1829 a São Pedro de Alcantara e mudou para cá em 1839.

Henrique Burhofer (n. 1797) casado com Catharina Muller (n. 1797) chegaram com seu filho Reinhardt no Brigue Luiza em 7 de novembro de 1828 em Desterro e subiram em 11 de novembro de 1829 a São Pedro de Alcantara.

Matheo Schneider (n. 1805), casado com Eva Schneider (n. 1798) chegaram no Brigue Luiza e subiram a 23 de novembro de 1829 a São Pedro de Alcantara.

João Schneider (irmão de Matheo) casado com Rita Simão (brasileira).

Valentim Thiefs, natural de

Hefsia, protestante, casou com Gertrudes Goedert (n. 1810 fal. 1899), filha de Jacob Goedert e Anna Maria Schwarz que vieram com 6 crianças no Marquez de Vianna e subiram para a colonia São Pedro de Alcantara a 29 de março de 1829.

Jacob Thiefs, irmão de Valentim.

João Kehrbach.

Nicolao Deschamps, natural de Bliesguerwiller, casado com Catharina Eich, veiu no Marquez de Vianna em 12 de novembro de 1828 a Desterro com 4 filhos: Nicolao, Johann, Pedro, Catharina. Subiu para São Pedro de Alcantara em 29 de março de 1829. Ahi lhe nasceram Francisco, Antônio, João e Luiza. Mudou para Belchior em 1839.

Nicolao Deschamps filho, casado com Elisabeth Ostermann.

José Vicente Haendchen, 2.º filho de João Haendchen e Margaretha Waldorf, casado com Joanna Deschamps, filha de Nicolao Deschamps.

Pedro Jank.

Jorge Wagner.

Aconteceu...

Janeiro de 1991

— DIA 10 — Causou satisfação entre a população a notícia de que havia sido iniciado o trabalho de montagem dos blocos das primeiras casas destinadas às famílias flageladas pela terrível enxurrada ocorrida, com resultados catastróficos, no dia 14 de outubro de 1990. A empresa contratada para realizar os trabalhos foi a ENGEFASA.

— DIA 11 — Na sede do 10.º Batalhão de Polícia Militar, localizada à rua Almirante Tamandaré, e sob o comando do Tenente Coronel Emanuel Bittencourt, realizou-se brilhante solenidade de Formatura do Curso de Formação de Soldados da Turma «3.º Sargento Jonas Artur Senabio». A programação constou de diversos atos cívicos, culminando com o des-

file da tropa, em continência à maior autoridade presente. Como parte do programa, constou ainda a inauguração do Auditório do Batalhão. Números convidados prestigiaram as solenidades.

— DIA 15 — A Polícia Militar apreendeu 82 pés de maconha que foram encontrados numa chácara localizada no município de Rodeio. Existiam pés de até dois metros de altura. A plantação foi destruída e o responsável detido.

— DIA 18 — No «Hall» da Caixa Econômica Federal, agência da Penha, foi realizada a solenidade de abertura da exposição de fotos — «Natal dos Pretos», «Festa do Rosário» e «Memória Fotográfica», assim como o lançamento do livro «Rosário - Moçambique - Natal dos Pretos - Tem festa na Penha - de autoria da historiadora Maria do Carmo R. Krieger Goulart. A autora foi muito prestigiada e festejada pela comunidade da Penha, através, também das autoridades locais. Merece, pois, a gratidão de todos os que nasceram e vivem naquela cidade balneária, já que, graças ao empenho e capacidade de pesquisa da historiadora, o município da Penha tem preservado, daqui para a frente, através do livro de Maria do Carmo, uma das mais históricas tradições que, por certo, orgulharão sempre as gerações futuras daquele município. Foram 36 fotos expostas, em preto e branco, versando sobre a cultura popular de Santa Catarina — a Festa do Rosário — que acontece todos os anos nos dias 25 e 26 de dezembro.

— DIA 24 — Presidida pelo prefeito Victor Fernando Sasse e com a presença de numeroso público, foi realizada a solenidade de abertura das festividades da II SOMMERFEST, nos pavilhões da PROEB. A solenidade aconteceu no pavilhão «A», no decorrer da qual o prefeito saudou as autoridades presentes e a seguir procedeu à sangria do primeiro barril de chopp. Após a sangria do barril, teve início a festa, com musical de uma banda alemã.

— DIA 24 — Uma cirurgia realizada pela primeira vez em Santa Catarina, ocorreu no Hospital Santa Isabel, coordenada pelos médicos Thomaz Edson e Osmar Cruz. Trata-se da cirurgia pelo método laparoscópico, para a retirada total de vesícula e cálculos. Através de sondas a vesícula infeccionada foi retirada com a sucção de três cálculos, sem cortes profundos. A cirurgia foi considerada difícil mas foi exitosa.

Fevereiro de 1991

— DIA 1º. — Tomou posse a nova diretoria da Subseção de Blumenau da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção de Santa Catarina. A

mesma ficou assim constituída: Presidente, Angelito José Barbieri; Vice, Luiz Ernesto Raimundi; Secretária, Maria Cecília de Souza e Tesoureiro, Izidro Tadeu Xavier de Lima.

— DIA 3 — Com a presença de numeroso público, a exemplo do que aconteceu durante todo o desenrolar dos festejos, ficou encerrada a II Sommerfest, promovida pela Prefeitura Municipal, nos pavilhões da PROEB. Durante os nove dias de Sommerfest, compareceram 21.265 visitantes que participaram da animação da festa, animados por quatro bandas e consumindo 16.020 litros de chope. Segundo se comenta, «as medidas econômicas do governo não diminuíram o movimento da festa, e bem ao contrário, esta tornou-se uma válvula de escape».

— DIA 4 — Foi iniciada, no Teatro Carlos Gomes, a Terceira Jornada de Educação, promovida pela Secretaria Municipal de Educação, visando a preparação de professores de 1º. grau para a maior eficiência no ano letivo. O evento contou com a participação de cerca de 800 professores.

— DIA 9 — Um violento temporal, acompanhado de intenso vendaval, causou grandes prejuízos na localidade de Fidelis, um bairro de Blumenau bastante populoso. Uma casa foi derrubada pelo vendaval, no loteamento da COHAB, enquanto que mais de dez outras foram destelhadas. Além disso, foram derrubados cerca de 50 metros de muro. Felizmente não houve vítimas.

— DIA 12 — Segundo divulga a imprensa (JSC), até esta data, a Polícia Rodoviária Federal já havia registrado, em Santa Catarina, nada menos do que 67 acidentes de trânsito, tendo como resultado a morte de 14 pessoas e 67 feridos. Um índice verdadeiramente assustador e que revela a loucura que se apossa de tanta gente por ocasião dos festejos do carnaval.

— DIA 14 — A imprensa divulgou o resultado final das estatísticas relativas aos acidentes de trânsito durante os dias de festejos carnavalescos. Aconteceram nada menos do que 126 acidentes, ao todo, causando a morte de 21 pessoas e fazendo 109 feridos.

— DIA 18 — A Escola de Ballet do Teatro Carlos Gomes, mantida pela Pró-Dança de Blumenau, abriu suas matrículas. A instituição que tanto tem se destacado e projetado o nome de Blumenau neste campo de cultura artística, recebeu numerosos pedidos de inscrição.

PENSAMENTOS

— A bondade é o alimento da alma.

— O êxito na vida é o resultado de um esforço, não de um milagre.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA